

Uma chance para o Brasil pedir mais dinheiro

O vice-presidente do Bradesco e ex-diretor da Área Externa do Banco Central, Fernão Carlos Botelho Bracher, defendeu ontem em almoço promovido pelo Forex Clube uma negociação dos compromissos externos que não impeça a retomada do crescimento econômico em 1985.

— Os maiores níveis de reservas cambiais ocorreram justamente nas fases de mudança de governo, como em 1974 e 1979. Não entendo não se pedir dinheiro novo. Talvez seja uma das últimas oportunidades de ir a mercado depois dos problemas de 1982. Para não fazê-lo é preciso estar muito calçado — desabafou ao discutir com executivos financeiros a questão das reservas cambiais brasileiras e os objetivos da negociação com os credores prestes a ser iniciada.

Essas afirmações de Bracher, feitas ao final do encontro, contrastaram um pouco, contudo, com a prudência com que antes abordara essas questões.

Considerado um dos principais especialistas em dívida externa no País, o vice-presidente do Bradesco mostrou que o governo precisa ter muita cautela a respeito de suas projeções para 1985. Admitiu que há várias hipóteses para estabelecer as projeções, uma otimista (sem déficit em conta-corrente), outra intermediária (com déficit de US\$ 2 bilhões) e outra pessimista (com déficit de US\$ 6 a US\$ 7 bilhões). E manifestou sua preferência pela hipótese pessimista, com o objetivo de evitar a todo custo que o Brasil tenha carência de recursos no ano que vem, obrigando-se a cortar importações.

Contradição

Bracher lembrou que há informações contraditórias na imprensa sobre a necessidade ou não de fresh money, e essas informações provêm das próprias autoridades. "A situação não me parece clara", declarou, para indagar: "Mas por que ter reservas?". E respondeu:

— É a necessidade de ser responsável. Se você tem reservas, tem mais crédito, mais condições de ser digno de crédito.

Bracher considera que há incertezas em 1985, por exemplo quanto ao déficit comercial dos Estados Unidos, quanto à economia norte-americana prosseguir sua recuperação ou, em caso contrário, quanto aos demais países desenvolvidos expandirem suas importações.

Isto recomenda prudência quanto ao ano que vem, segundo o ex-diretor da Área Externa do BC. E prudência, na sua opinião, quer dizer dispor de US\$ 10 bilhões aproximadamente em reservas cambiais, das quais US\$ 4,25 bilhões para suportar três meses de importações e o restante para enfrentar a eventualidade de um déficit em conta-corrente de até US\$ 6 bilhões. O essencial, esclareceu, é não cometer um erro e depois ficar obrigado a comprimir importações.

Dúvida

Bracher supunha que o governo, em fim de mandato, não fosse fazer uma renegociação plurianual,

mas somente para 1985. "Fiquei surpreendido com a proposta plurianual e a ausência de dinheiro novo. Mas, se formos terminar o ano com US\$ 10 bilhões em caixa, tudo bem. O presidente do Banco Central tem extraordinária capacidade, o que ele fizer será bem feito. Mas é complicado..."

O vice-presidente do Bradesco rejeitou a idéia de que os bancos não querem dar new money ao Brasil para não elevar sua exposure, a exemplo do que ocorreu com o México: "Acho — respondeu Bracher a uma pergunta — que não é uma questão de querer, mas de precisar. Ou a comunidade de bancos concorda ou não é possível. O México não sabe onde vai achar US\$ 1,6 bilhão. A função das reservas é a credibilidade do administrador".

Bracher pediu ainda que as autoridades indiquem claramente o que pretendem para 1985, quais são suas projeções e recomendou cautela quanto ao otimismo. "Já vimos erros de até US\$ 7 bilhões no comércio, e reservas inferiores ao que se pensa. Se as reservas do final do ano ficarem inferiores a US\$ 10 bilhões, será preciso uma tranche de fresh money."

EUA podem adotar "indexação fiscal" em 1985

Os Estados Unidos deverão adotar no próximo ano uma espécie de correção monetária sobre os impostos e o pagamento de pensões, como forma de compensar as perdas ocasionadas pela inflação. Conforme a notícia, procedente de Nova York, após o aumento de 0,4% do índice de preços registrado em setembro, é possível prever uma inflação anual de 4,2%. A partir daí, e aplicando uma fórmula matemática, chega-se a uma "indexação fiscal" de 4,1% que servirá para corrigir tributos e pensões.